

MARES E PESCADORES: narrativas e conversas em Itapoá¹

Mariene Francine Lima²

Introdução

VISIBILIDADE... Ver: o outro; pelo outro, o lugar; pelo lugar, os desejos... Visões, de revisitações de passados a imagens do futuro. VISIBILIDADE... É sobre o que trata esse trabalho. Ver e tornar visíveis sutilezas que passariam despercebidas, materialidades que dão testemunha do lugar, de mobilidades, mudanças ocorridas, subjetividades desenhadas no ritmo das marés.

Realidades comuns, porém únicas... Em histórias contadas à beira-mar. Misturam-se fantasias e detalhes de cenas que nos instigam a sonhar e vivenciar a vida de homens cujo dia a dia está ligado ao mar e à pesca. O desejo: querer ver mais, conhecer mais sobre um cenário que traz memórias de lugares únicos. Mares... Intensos. Mágicos? Ou de uma concretude dura, cruel?

As composições das narrativas que fazem parte deste trabalho foram criadas a partir de relatos de pescadores, moradores de Itapoá, estado de Santa Catarina (SC), que, gentilmente, permitiram que suas histórias e identidades fossem divulgadas.

As narrativas, compostas nesta escrita, são um misto de ficção e dados provindos dos relatos. Os protagonistas foram os próprios depoentes, nominados como personagens reais das histórias contadas. As ambiências e algumas situações foram criadas para permitir uma descrição mais detalhada das nuances do lugar, bem como a oportunidade de forjar conversas entre os pescadores de Itapoá e entre eles e outros homens e mulheres que vivenciam, em diferentes contextos, a lida da pesca. Suas falas, no entanto, foram cuidadosamente preservadas para comporem

¹ Este artigo deriva da dissertação de mestrado da autora, defendida em 2011 pelo programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

possibilidades. Possibilidades de mostrar um pouco do passado, do presente, do lugar, das mudanças, do aprendizado e do trabalho no mar. As conversas e narrativas foram criadas numa tentativa de conhecer parte das suas rotinas, vivências e perspectivas, sem a preocupação de evidenciar ou ocultar possíveis laços afetivos entre as personagens.

E assim, fica o convite para as próximas páginas:

“Vinde ouvir essas histórias... Pois o mar é mistério que nem os velhos marinheiros entendem” (AMADO, 1980)

O Lugar: Pedra que surge

De origem indígena, *Itapoá* significa pedra que surge, fazendo referência a uma pedra distante da praia cerca de 300 m e que, com as variações de maré, surge em sua vazante. A região apresenta inúmeros Sambaquis que mantêm viva a presença dos antepassados que viveram nesta região e eram conhecidos como os índios Carijós. (LIMA, 2011).

O município de Itapoá localiza-se no extremo norte do litoral catarinense (Figura 3), fazendo divisa ao norte com o estado do Paraná e tendo ao sul o Município de São Francisco do Sul. Sua população foi estimada em 14.763 habitantes (BRASIL, 2010), com uma população flutuante de 200.000 pessoas em alta temporada de verão. A região possui diversos atributos ambientais e culturais, tais como, Mata Atlântica em bom estado de conservação, Sambaquis e belezas cênicas como a da Baía da Babitonga.

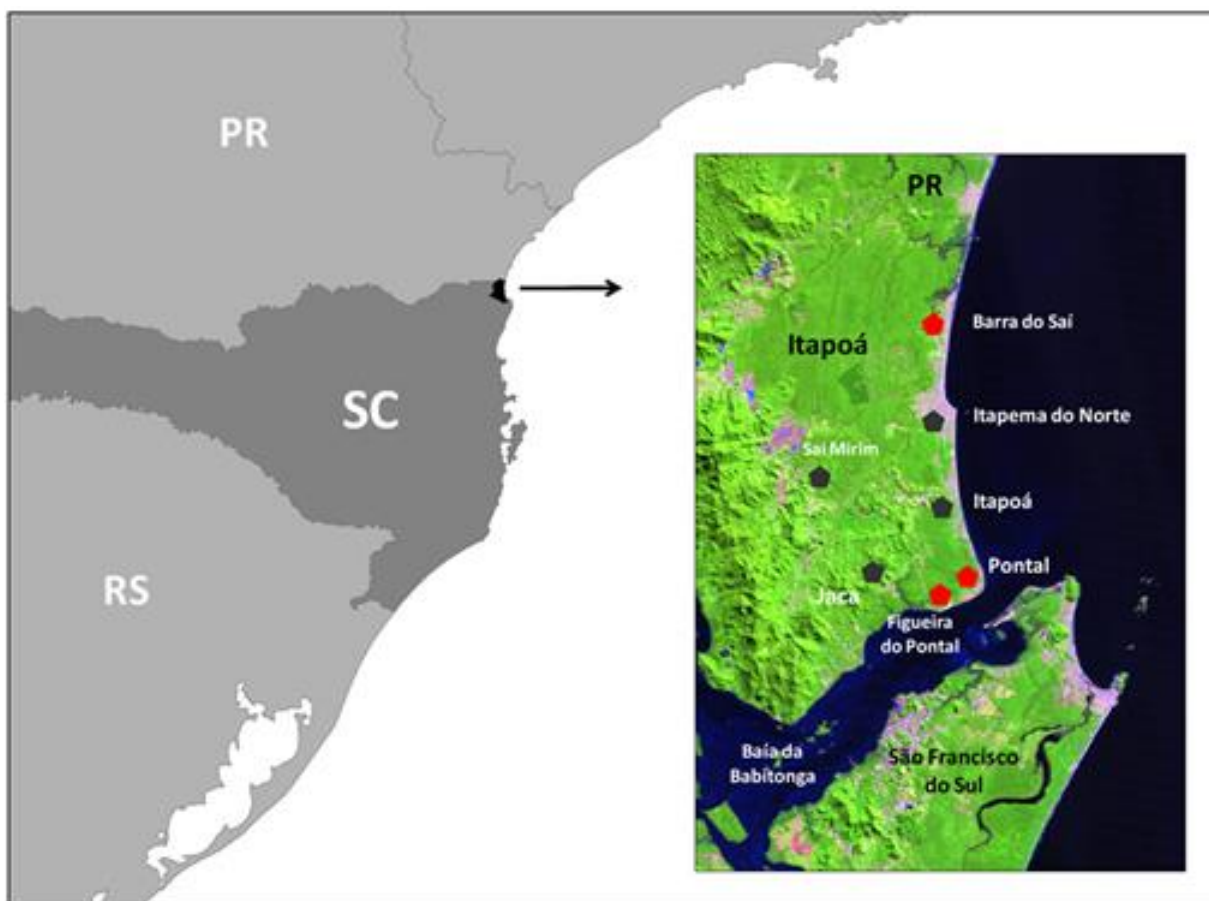
Itapoá foi decretada município em 26 de abril de 1989, anteriormente pertencia a Guaruva (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPOÁ, 2008). Antes de pertencer a Guaruva, Itapoá era representada por São Francisco do Sul e o seu

acesso praticamente ocorria pelo mar, através da Baía da Babitonga. As principais localidades de Itapoá são: Barra do Saí, Itapema do Norte, Itapoá, Pontal do Norte e Figueira do Pontal, localizados na orla e Saí Mirim e Jaca, localizados no interior.

A pesca da região é essencialmente artesanal, com a utilização de diversos petrechos, como redes de arrasto, redes de emalhe, gerival, tarrafas e linhas. As embarcações são, na maior parte, canoas a motor, bote ou baleeiras sem cabines.

Na Baía da Babitonga situam-se em seu entorno 33 comunidades de pescadores artesanais, vivendo historicamente da atividade pesqueira, além da construção, reforma e manutenção de embarcações, coleta de caranguejo e atividades ligadas ao turismo de pequena escala. A Colônia de pescadores de Itapoá, conhecida como Z-01, foi fundada em 1966 e abrange todas as localidades pesqueiras do município. O número de filiados à colônia é de 1000 associados, o número de pescadores pode ser maior, uma vez que não foram levados em consideração os pescadores não filiados (BASTOS, 2006; LIMA, 2011).

Figura 3. Mapa com a localização do município de Itapoá: localidades de pesca que foram estudadas destacadas por pontos vermelhos.



Fonte: Lima (2011, p. 17).

Materialidades

Figura 1. Peixaria do seu Lelé.



Foto: Mariene Francine Lima, setembro de 2010.

Em letras tortas, a frase mistura-se aos peixes, polvos, crustáceos e outros seres marinhos não identificados, desenhados na parede. Em alguns ângulos, chega a se esconder, como não querendo ser verdade. Mas está lá, estampada na peixaria do seu Lelé:

VENDO ESTA PROPRIEDADE

E assim, disforme, nos confunde, parecendo estar à venda outra propriedade que não ESTA. Pois “ESTA” está pequena... Querendo quase apagar, querendo não estar ali.

– Aquele que oferecer o que estamos pedindo, leva. Quero ir embora daqui!

– Mas por que seu Lelé? – Pergunto, querendo entender por que ele quer deixar um lugar tão lindo daqueles... Com vistas para a baía.

– Hoje a ganância tomou conta daqui. Por isso, quero ir embora.

Senta-se e continua:

– No tempo que eu pescava, o homem tinha valor... Hoje em dia é a mentira que tem valor. Antigamente todo mundo se ajudava, nós éramos mais indígenas do que pescador. Nós vivíamos em companheirismo. Nós não tínhamos família, a família era todo mundo. Pois quando alguém queria fazer uma roça, puxar um barco, ou armar uma rede, não tinha só a família, tinha a vizinhança. Era companheirismo e educação misturados.

Suspiro...

– Hoje a ganância tomou conta daqui. Itapoá era tudo. Hoje o companheirismo e a educação sumiram.

– E pra onde o senhor quer ir?

Mais um suspiro... Olha longamente a baía e diz:

– Eu quero ir embora, mas quero ficar perto do mar. O mar é minha vida, é a coisa mais linda do mundo... Tudo o que tenho eu devo ao mar, tudo o que eu fazia tinha que ser pelo mar.

Passam-se as horas, o dia cai e as histórias continuam. Muitas são as histórias. Histórias do lugar, histórias da sua vida, histórias do seu tempo... Um tempo que agora lhe parece distante, como se tivesse ficado para trás. Solto, perdido. Tempos de outrora, tempos do hoje em dia. Conversas do lugar, bate-papos descontraídos. Lembranças. Lembrança de uma bicicleta, já há muito guardada no galpão. Galpão esse que também guarda suas pescarias. Redes, bóias e anzóis, que dependuram-se uns sobre os outros numa canoa há tempos por ali esquecida. Galpão escuro, fechado, cujas costas dão-se à baía. Baía que é o quintal de seu Lelé, abrigo do *Lutador*, valente barco que por muito tempo o acompanhou nessas calmas, falsas águas da baía. Lutador que já não existe mais... Fora vendido, apagado com tinta um nome que ainda hoje é lembrado pelo seu Lelé.

- Seu Lelé, quem dá os nomes aos barcos?
- São os pescadores.
- Foi o senhor que escolheu o nome do teu barco?
- Não... O meu foi escolhido pela marinha. Deram o nome de Lutador... Por tudo que eu já fiz aqui nessa baía.
- Me conta alguma coisa sobre o Lutador? Alguma história.
- Silêncio.
- O senhor deve ter alguma história... Não é possível que o Lutador não tenha deixado lembranças! Me conta, seu Lelé.
- Silêncio.
- Mais uma tentativa:
- O senhor me disse que foi a marinha quem deu o nome de Lutador. O que o Lutador já fez? – Tento convencê-lo com certa insistência.
- Suspiros...
- A mão passa à boca tentando calar. A voz emudece. A cabeça nega. Agora, as mãos já passam aos olhos, a enxugar as lágrimas incontidas. Lágrimas de lembranças, lágrimas de perdas.
- Já não insisto mais.
- Negar a perda? Negar as histórias? Negou-se a fala. Palavras perdidas.
- Seu Lelé levanta, pede licença, alega ir ao banheiro. Perde-se por dentro da casa. Dona Anair, esposa de seu Lelé, chega de mansinho, senta ao meu lado e diz:
- Ele teve vários barcos... Sempre com o mesmo nome: Lutador.
- Me ajeito para melhor escutá-la, ela continua:
- Teve uma mulher que teve o filho no barco. De noite, às vezes, ele levantava para levar as mulheres para ter filho lá em São Francisco, porque por aqui não dava, não. Muitas vezes, ele levantou de madrugada para levar alguém que precisava ir a São Francisco. Dessa vez, ele não conseguiu chegar a tempo, e ela acabou tendo o nenê dentro do barco.
- Seu Lelé reaparece na porta, caminha em nossa direção e senta novamente ao meu lado. Dona Anair se levanta e vai para casa lavar a louça que a espera na pia.

Ficamos em silêncio a olhar o fim de tarde na baía.
E no silêncio, eis que surge pequena confissão:
– Viveria tudo novamente só para provar aquele nome ali.
Lutador jaz no nome apagado, nos muitos barcos que foram de seu
Lelé, mas deixa em sua memória as tristezas e alegrias por tudo
aquilo que ele viveu.
Silêncio.
Vazio.
VENDE-SE ESTA PROPRIEDADE. (LIMA, 2001, p. 58-61)

Figura 2. Os três momentos do *Lutador* – de cima para baixo: com seu Lelé e dona Anair, com o nome grafado e gasto; sozinho, já sem nome; e pintado para venda; ausente - vendido.



Foto: Mariene Francine Lima, janeiro, setembro e dezembro de 2010.

Nos tempos de outrora e as mudanças de hoje em dia... Pesca e paisagem.

A pesca, praticada pelos índios, é uma atividade anterior à chegada dos navegadores portugueses ao Brasil. Peixes, crustáceos e moluscos eram parte importante de sua dieta alimentar. Os inúmeros sambaquis, depósitos de conchas encontrados em sítios arqueológicos ao longo do litoral, atestam a importância da atividade da pesca e coleta. (DIEGUES, 1999).

Praticada pelos antepassados, a pesca traz em si sentidos de sobrevivência e intensa relação com o ambiente. Base da dieta de povos ribeirinhos e litorâneos, a pesca passa a ser a premissa formadora também de culturas e identidades da gente do mar e do rio. “São muitas as culturas regionais litorâneas geradas da atividade pesqueira, como por exemplo, a dos Jangadeiros (litoral nordestino), a do Caiçara (Rio de Janeiro e São Paulo), e o Açoriano (litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul)”. (DIEGUES, 1999, p. 362).

A pesca artesanal serve como subsistência da comunidade pesqueira e como fonte de renda pela comercialização do pescado. Em comunidades litorâneas, na maioria das vezes, ocorria paralelamente a uma pequena produção agrícola, os roçados (ADAMS, 2000; DIEGUES, 1999). Em grande parte das comunidades, os homens iam para o mar pescar e as mulheres ficavam responsáveis pela lida da casa e da roça. Os pescadores artesanais podem pescar sozinhos (donos do próprio barco, petrechos e insumos) ou em sistemas de parcerias com os proprietários das embarcações. Em sua maioria, utilizam embarcações de pequeno e médio porte, motorizadas ou não. Os petrechos e insumos utilizados são relativamente simples, muitas vezes confeccionados pelos próprios pescadores (BASTOS, 2006).

O fabricar da rede, os petrechos e aparelhos de pesca simples, distante de tecnologias, a navegação por remos e velas, o isolamento, os hábitos e modos de vida, únicos das comunidades pesqueiras, foram fatores que marcaram a pesca e o pescador artesanal. Mudanças ocorridas nas práticas e técnicas artesanais, como o uso de barco a motor e tecnologias de aparelhos, criaram novas possibilidades a esse setor. Conflitos gerados com a indústria pesqueira por território, capital,

produção e a conseqüente marginalização dos pescadores artesanais, são debates que vêm permeando pesquisas e discussões acerca desses temas, criando novos contextos para a pesca de pequena escala e favorecendo o embate que a situação requer (VASCONCELLOS; DIEGUES; SALES, 2007; CARDOSO, 2003; DIEGUES, 1999). A prioridade da gestão pesqueira à pesca industrial/empresarial resulta em pouca importância e visibilidade para o setor artesanal, desconsiderando que este é responsável por cerca de metade da produção pesqueira no Brasil (VASCONCELLOS; DIEGUES; SALES, 2007).

A pesca artesanal é dispersa e complexa variando, assim como os aspectos culturais, de região para região, fato que se torna evidente no uso de diversas artes de pesca na captura de recursos pesqueiros. Tal diversidade configura cada comunidade pesqueira como um corpo singular que precisa ser conhecido no planejamento do futuro dos lugares onde estão inseridas. Mudanças bruscas da paisagem podem significar a perda de importantes significações, laços afetivos e configurações sociais que desejam os modos de viver dessas comunidades.

Aqueles que viveram em Itapoá a 60-50 anos atrás, afirmam que o lugar era mata fechada. Não existiam estradas, ruas ou acessos; tudo dependia do mar e a estrada era a praia. Os pescadores pescavam na Baía da Babitonga ou em áreas próximas a ela e iam vender o produto em São Francisco do Sul. Eles contam que era bastante difícil viver por lá. Tudo que precisavam, roupas, remédios, mercados, médicos... Tudo era encontrado somente em São Francisco do Sul.

Embora houvesse muitas dificuldades estruturais de se viver em Itapoá, as pessoas entrevistadas, em sua maioria, gostavam bastante da tranquilidade e quietude do lugar. Afirmam, inclusive, que antigamente as pessoas eram mais unidas, formando quase uma grande família. Todos se respeitavam e ajudavam uns aos outros. O termo indígena, para designar a maneira como eles viviam, foi lembrado e reforçado por alguns, no intuito de fortalecer a união e o amparo que tinham uns para com os outros.

Hoje, as amizades e laços de pertencimento ao lugar parecem esvaír-se. A população aumentou e a vizinhança já não é mais tão conhecida, dizem não haver mais tanto apreço e consideração uns pelos outros, mas alegam que na comunidade pesqueira ainda há muito apoio e lealdade entre os pescadores locais. Este fato foi constatado pessoalmente após uma forte tempestade que ocorreu no mês de novembro de 2010, quando um pescador teve seu barco afundado pela chuva na região da baía, distante há uns 20 metros da praia, com cerca de 10 metros de profundidade. Naquele dia, ligamos para os bombeiros, para a marinha, tentando conseguir ajuda para que o barco fosse retirado do mar. A ajuda não veio por essas instituições, no entanto, a união e amizade dos pescadores solucionaram a questão. Eles mergulharam, amarraram um cabo num ponto estratégico da canoa, içaram-na com outro barco, emergiram-na e trouxeram-na à praia. A ajuda veio de poucos vizinhos, amigos ou daqueles que se viram na mesma situação.

A vinda de outras pessoas para Itapoá vem fazendo o município crescer. No entanto, para os antigos há um sentimento de desconfiança, expectativas e de desamparo com as mudanças que surgem no local. A chegada do Porto de Itapoá, por exemplo, gera discussões antagônicas sobre o projeto. Alguns pescadores e familiares acreditam que o porto será bom, pois trará emprego à comunidade, outros já acham que a presença do porto num local onde eles afirmam ser um ótimo ponto de pescaria (pesqueiro) gera conflito com a pesca, marginalizando ainda mais o pescador. Além do que, temem também que o emprego gerado pelo porto para a comunidade seja pontual e de pouca continuidade, acarretando num maior número de pessoas vindas para a região.

Atualmente, a base econômica da região é o turismo, que acaba movimentando a economia sazonalmente e gera forte pressão imobiliária no município. Em geral, os pescadores e seus familiares afirmam que a cidade tem melhorado, principalmente quando comparado há muitos anos atrás, onde a falta de serviços básicos era enorme. No entanto, percebem que Itapoá mudou demais e que

a paisagem ainda será muito alterada, tornando-a irreconhecível daqui a alguns anos.

Quando questionados sobre o antes e o agora, fica claro que o sofrimento e dificuldades gerados pela falta de estrutura do passado era recompensado pela tranqüilidade e sossego do lugar que, aliados aos fortes laços de amizade e companheirismos da comunidade, dava-lhe o status de paraíso. No entanto, é de senso comum que os recursos trazidos para a região, melhoraram e facilitaram a vida e o dia a dia da comunidade, trazendo como ônus o distanciamento e individualização de seus moradores:

O pai de seu Lelé pegava muito camarão. Na época, o camarão era pego com tarrafa, e de longe podia vê-los aos montes pulando quando a tarrafa era puxada. Devia ter por volta dos 10 anos quando seu Lelé ia para a praia com os amigos para pegar camarão com bambu. Só de olhar para a água, notavam-se os aglomerados de camarões.

Era final de tarde e a molecada já se juntava para cercar camarão. Por vezes iam pela manhã também. Tinha tanto camarão que era possível, somente com batidas na água, cercá-los e fazê-los pular para dentro dos baldes. A gurizada se amontoava na beirada do mar com baldes em punho. Seu Lelé levava na mão o galinho de pau, feito de bambu, que iria intimidar os camarões.

Com água nos joelhos, seu Lelé ia pulando e espantando os camarões em direção aos baldinhos que ficavam carregados do bicho. Era uma festa!

Com os baldinhos ancorados na mão iam embora felizes, para entregar a pescaria aos pais. Tamanha era a quantidade de camarão que era impossível consumir tudo de vez. O ideal era vender... Mas não tinham para quem vender. Não tinha luz, não tinha transporte, não tinha gelo. O jeito então era secar. Assim, os camarões eram cozidos, salgados e postos na esteira para secar. Secos durariam mais.

Admito que fiquei ressabiada... Pegar camarão com batidinhas na água? Achei não ter transparecido, mas seu Lelé notou... Desviando o olhar da baía, exclamou:

- Da falta que ta hoje, parece mentira eu te contar essa história, né?
- É seu Lelé... Parece mentira.

O dia amanheceu radiante, o sol desde cedo fazia questão de exibir-se. Estava no suor da caminhada, num banho de mar refrescante,

num boné para não cegar as vistas. A baía parecia retrato... Estática. O vento nem assobiava por aquelas bandas.

Seu Elias saiu para pescar cedinho e por volta do meio-dia, do sol escaldante, voltou pra casa... A rede estava à míngua, ralos eram os camarões emalhados. Chegou em casa, tomou uma ducha, que o sol estava de lascar. Almoçou e tirou a sesta.

Já passava das 16:00h quando seu Elias resolveu dar uma caminhada pela baía. O sol ainda estava alto, mas já não ardia mais. Estava sozinho, a perambular e pensar. Olhava pras águas como a pedir respostas: Por que o camarão está tão mirrado? Já não pego mais nada!

Caminhava e olhava as leves marolas que se formavam na beirada. Lembrou-se do seu avô. Velho astuto que sempre tinha histórias pra contar. Ao pensar no camarão, lembrou-se da tal pescaria de bambu que seu avô e seu pai faziam. Era uma farra!

Bastava 10, 15 minutos e se enchiam de camarão. 50-60 kg eram tirados de uma só vez. E isso tudo sem material de pesca! Certa vez inventaram de cortar um pé de bambu com as galhadas, foram para uma parte baixa da baía, que faz um pouco de fundo e vieram arrastando com o bambu os camarões até a beira. Já na areia, os bichos não tinham pra onde correr, dali então, iam direto pro balde. Não precisava tarrafa, não precisava rede, não precisava de nada. Os olhos do seu Elias perdiam-se na baía a imaginar o pai arrastando o camarão, via a cara de felicidade dele ao encher os baldes com o bicho.

Tempos passados, tempos remotos... Seu Elias deu mais uma olhada para a baía, despediu-se mentalmente do pai, que na sua imaginação ainda continuava a arrastar os camarões com bambu, e resignado seguiu para casa, pois a noite chegava e amanhã iria acordar mais cedo ainda, para compensar o dia de hoje. Sentiu falta de ter vivido a pesca de bambu (LIMA, 2011, p. 49-51).

Os contos dos antigos dão testemunho do lugar, das suas rotinas e desafios. O retrato passa de paisagem a pertencimento. Vive-se o lugar, pois ele permanece nas memórias, nos passados e no que ainda está por vir. O mar guarda muitas aventuras pretéritas e reservas outras tantas futuras. Aqueles que em suas águas se banham, labutam ou atravessam recorrem aos antigos e as suas histórias nostálgicas para que, as experiências de longas datas estejam presentes nas vivências do dia a dia.

Quando era moço, seu Manoel avistava baleias da praia. Elas surgiam aos montes, umas 30, 40. Era tanta que ele perdia as contas, mas gostava de vê-las berrar soltando jatos de água. Sempre que via as baleias soltando água, sua mãe lhe avisava que o tempo iria se arruinar, viria vento sueste. Como de fato ele podia comprovar.

Seu Manuel tinha por volta dos 26 anos quando apareceu por lá um senhor conhecido por Antônio Cartola. Ele vinha de Imbituba e soubera da enorme quantidade de baleias que tinham naquela região, e estava por ali, para matá-las.

Naquela época, as baleias eram mortas para se retirar o óleo, mas a carne não era consumida. O povo de Itapoá não era muito de matar baleias, técnica inclusive que exigia preparo e muita coragem.

No dia em que iam caçar as baleias, era de manhã e o tempo estava calmo e ameno, o inverno findava e a primavera anunciava-se lentamente. Chegando à praia já se avistava o baleal. Seu Cartola, mais que depressa rumou para o mar com seu pequeno barco. O povo ficou da praia espiando... Olhando de longe os bichos berrar. Seu Cartola escolhia a baleia e chegava de mansinho perto dela. Encostava o barco bem pertinho, o suficiente para que ele pudesse apoiar o pé no lombo dela. Uma vez em cima era rápido e rasteiro. Mirava na nuca e lançava sem dó o arpão... Era certo. O arpão era rústico com dinamite dentro. Uma vez o arpão enfiado, pulava de volta para o barco, ia para a praia, queimava o estopim e aguardava a explosão.

Matou três desse jeito. Depois de estourado o arpão, levava de dois ou três dias para a baleia dar na praia, primeiro ela ia para o fundo e depois já aparecia morta na areia. Quando chegava na praia era uma trabalhadeira limpar. O povo se juntava e ia ajudar a limpar a baleia. Para a limpeza, o pessoal tinha que andar dentro da baleia carregando os pedaços... Seu Manoel ajudou a limpar as três. Encheram vários tambores de óleos que fora levado dali de caminhão.

Os dias se passaram e seu Cartola foi embora, matar baleias em outro lugar. A comunidade voltou à rotina, aos seus afazeres. Baleias agora, só no berro ao longe, para anunciar o mau tempo.

O tempo é dos antigos... Avós, tios e pais de seu Elias. Naquela época seu Elias, hoje com 66 anos, era guri pequeno ainda a iniciar-se nas artes da pesca. Mas os contos do seu pai e tio, encafifava sua mente... Até hoje guarda recordações sobre a pesca da baleia. Por ser menino pequeno, não viu, não participou dos preparativos... Mas a sua imaginação criou cenas do que deveria ser um grande duelo: Homem versus Baleia. Nunca soube de haver caça às baleias em Itapoá, mas afirma que lá para os lados de Florianópolis, Armação, havia de ter com certeza.

Quando era moço conseguiu trabalho numa empresa de pesca e ficou um tempo embarcado pescando. Havia uns dias que ele estava no barco. Quando embarcado em navios pesqueiros grandes, os

pescadores tendem a ficar semanas no mar, em busca dos grandes e valiosos peixes.

O dia no barco havia amanhecido acinzentado, fazia frio e os ventos estavam fortes. Tendo acesso à previsão do tempo, a embarcação na qual seu Elias estava decidiu se abrigar. Eles estavam em alto mar, próximo da costa norte do Paraná. Sendo assim, procuraram se abrigar em alguma baía ou ilha daquela região. Aportaram então na Ilha Bom Abrigo, ótima para abrigar-se do mau tempo.

Parados na ilha, seu Elias avistou ao longe uma estrutura parecida com uma antiga estação baleeira. Nunca havia visto uma, porém os relatos dos antigos vieram à tona nesse momento. Não tinha dúvidas. Armada nas pedras, havia o que parecia ser um forno, e ao lado dele, seguia uma calha de cimento que devia servir para o escoamento do óleo processado da baleia.

A estrutura já se escondia aos poucos na mata que se fechava... Mas seu Elias sentia como se estivesse vivendo aquelas cenas. Mas as memórias não eram suas, eram-lhes emprestadas, doadas nos relatos do pai, tio e avô. Naquele instante a memória do seu pai cristalizou-se a sua frente, a explicar-lhe sobre como acontecia a pesca da baleia.

Em seguida, em sua mente, o pescador de baleias já tomava formas. Carregava em uma das mãos, um arpão tosco cheio de bomba dentro. Valente, audaz, o pescador saltou ferozmente em cima da baleia, caminhou-lhe como se fosse uma ponte... Já bem perto da cabeça cravou-lhe a sua morte. O pescador voltou rapidamente ao barco acendeu o estopim e foi embora. Seu Elias agora se via viajando no barco com o pescador, a esperar a baleia dar na areia. Mas a todo instante olhava para trás a imaginar os lamentos da baleia que aos poucos era sugada pelo mar. Uma vez na praia, ela seria destroçada para que sua banha, seu toucinho fossem queimados até tornarem-se óleo.

Agora a chuva já caía... Pingos grossos marcavam o rosto do seu Elias, que já molhado pela forte chuva, acordava daquilo que parecia ser um sonho, um encontro com os antigos. Sorriu sozinho, a imagem do pai sumindo aos poucos da mente. Cansado, foi dormir. Sentia que agora sim... Agora havia participado dos preparativos (LIMA, 2011, p. 46-49).

A vida na pesca inicia-se cedo, quando criança ainda. Começa-se como *gajero*¹, carregando o cesto e alguns petrechos da pescaria. Com o olhar longo e atento, o *piá* copia o jeito do pai e o molejo do tio. Não há muita explicação, muita escola, não é matéria que se aprende em livros. Aprende-se com os mais velhos, no olhar, no fazer, no tentar. É acompanhando a lida do pai que se desenvolve na pescaria. Aprende a fazer tarrafa, rede, puçá... E assim se cria, nas águas, no sol, na lida da pesca. Muitas vezes, a necessidade é maior que a vontade ou a

oportunidade de tentar outro trabalho e então, tem-se na pesca destino certo. Mas uma vez capturado pela rede e pelo balanço do mar, torna-se difícil largá-lo.

Era manhã de quinta-feira e seu Elias chegou cedo da pescaria. As redes estavam cheias e o sorriso era largo e satisfeito. O dia tinha vingado, valido à pena. O céu estava claro, o sol ainda brilhava e a pescaria tinha sido boa. Tinha peixe para um mês. Poderia agora pagar a luz, a água, todas as contas atrasadas. Não cabia em si de felicidade.

Mesmo atônito de tanta alegria, avistou um amigo cuja pescaria não tinha sido muito boa e tratou logo de consolar:

– A pesca é que nem joga, vicia. Você vai hoje, chega lá e não encontra nada, mas vai amanhã, já vem aquela grande peixada.

– Eu devia é ter procurado outro trabalho –. Responde-lhe o amigo desgostoso da profissão.

– Que nada! Pra mim não tem profissão melhor. Eu mesmo é que sou o responsável pelo meu trabalho.

O rapaz deu de ombros e continuou a olhar a baía desanimado.

– Não fique assim... Amanhã é outro dia. E tem mais, lembra que eu tentei trabalhar em outro serviço? Mudei até de cidade... Morei uns seis anos em Joinville, tentando trabalhar de funcionário... Mas não deu certo. É o vício da pesca. Lá em Joinville eu tinha casa, terreno, mas troquei tudo por uma pescaria velha e tratei logo de voltar pra cá, onde me criei... Quería era continuar na pesca.

O rapaz continuou a fazer que não lhe ouvia. Seu Elias insistiu:

– Só um dos meus filhos trabalha com a pesca. Ele por sinal tem até o apelido de Pirata... Porque não quis saber de outras coisas. Até foi pra Curitiba, tentou outros empregos, mas não teve jeito de largar da pesca. Já os meus outros filhos trabalham em Curitiba. Não adianta... Quando a pesca te escolhe, não tem jeito.

O rapaz continuava na mesma melancolia e assim, como se não houvesse nada mais para ser dito, seu Elias tratou de recolher o seus peixes e despedir-se. O dia ainda ia ser longo, tinha muito peixe para tratar naquele dia. E lá deixou o amigo, pois ele precisava reconciliar-se com a baía, afinal, era ela quem lhe provia o pão, o sustento. Deixou-os a sós para que pudessem fazer as pazes.

Destino traçado pelas águas foi também o de seu Kalanga e o de seu Manoel que tentaram outros ofícios, outros lugares, mas acabaram voltando para pesca e para Itapoá.

Seu Kalanga sempre quis ser pescador, na escola era bom de matemática, mas ler era uma dificuldade, já a pescaria era diversão. O pai, pescador, incentivava que os filhos tivessem outra profissão... Sabia das dificuldades daqueles que lidam com a pesca. Mas não teve jeito, a mesma paixão do pai deu-se nos filhos e assim, seu Kalanga e os irmãos viraram pescadores. Assistiam ao longe a habilidade do pai com as redes, com as linhas e no aprendendo a fazer tornaram-se homens do mar.

Seu Manoel é homem de muitos ofícios: faz barco, canoa, casa de madeira, gamela, coxim e remo. Arrisca-se como pintor e pedreiro,

inclusive, já foi barbeiro nos tempos em que morou em Paranaguá. Homem de tantas artes e habilidades tem na pesca sua grande obra, sua satisfação.

Impelidos ao mar desde crianças, esses homens foram criados nas quebras das ondas, nos desafios da pescaria, numa vida sem padrão. Numa imagem distorcida, os pequenos meninos, tornam-se homens do mar que inspiram suas vidas no vício e ofício da pesca (LIMA, 2011, p. 65-67).

Paisagens de lembranças... Quantas memórias um banho de cachoeira, mar ou lagoa, pode nos aquiescer. A água que escoia pelas pedras, que vem mais bravia pela arrebatada, ou que se encontra serena nos bosques, nos toca eriçando nossa pele, iluminando os cabelos e acalmado nossa alma. Como um banho desses pode ser relaxante e revigorante! Pode fazer com que queiramos parar o tempo, para que o êxtase do momento prolongue-se por muitos mergulhos; para que a inspiração e o entusiasmo nos envolvam em cada imersão; e ali, numa paisagem hidratada e reconfortante, possamos deixar para trás tudo o que nos inquieta, nos ignora; pois a água carrega tudo, já que é a fonte do novo, da renovação.

E assim, fonte sagrada de rituais e simbolismos, a água está presente da vida à morte, das graças da pia batismal ao dispersar das cinzas em lagos, rios e mares. A água abençoa nossas vidas, nos põe crentes, nos beatifica, pois é a fonte e a origem: “simboliza a soma universal das virtualidades; (...) o reservatório de todas as possibilidades de existência; ela precede todas as formas e sustenta toda a criação” (ELIADE, 1996, p.151).

Cenários de encantamentos, as águas nos contemplam com visões mágicas e sedutoras, remetendo-nos a lugares felizes e aprazíveis e criam laços de pertencimento àqueles que das águas vivem.

Os encantamentos das águas salgadas parecem ter maior densidade que a água doce. A imensidão dos mares reverbera um vazio que suscita pensamentos solitários e devaneios hostis, vazio da infinitude, do incontrolável poder das águas. “Água, água e mais água. Do ponto de vista dos habitantes da terra, os mares são

apenas imensidões de águas salgadas. Visto da terra, para eles o mar é como um espaço fluido e indivisível, infinito volume de águas, gigante vazio da humanidade” (TASSARA; LINSKER, 2005, p. 11).

Mas é um vazio que abastece, sustenta com abundância de recursos e desejos litorâneos. Desejos de beira-mar, da vida praiana, do refúgio pacato, dos pés descalços, do tempo a passar. Mistura da atração da água e dos mistérios do passar, que torna nossos olhos e corações cativos.

De quem são esses desejos? Que homens e mulheres podem sustentar relação íntima com águas sedutoras e um mar sempre misterioso, incerto, temperamental? Terão olhos e forças singulares? Embora haja uma tentativa de delinear o perfil do pescador, devido a sua rotina única, seus trejeitos e afetividades, muitas vezes o próprio sujeito não se reconhece como diferente de um agricultor ou operário. Foi assim que um pescador surpreendeu Laberge (2000): “pescadô num tem natureza diferente do agricultô, do operário”, recusando-se ser diferente de tantos outros.

No entanto, olhos e coração de pescador podem ser reconhecidos em outros mares, outras comunidades litorâneas, em outras histórias. De tão singulares e ao mesmo tempo tão comuns, sugerem encontros como os da narrativa que segue. Numa tentativa de reconhecer esses olhos e coração de pescador, propus um encontro entre o velho pescador de Hemingway (1956)^{II} e os velhos pescadores de Itapoá:

A cerração chegou num repente e fechou o dia igual cortina, não se via um palmo na frente. Seu João tinha saído cedo e o tempo àquela hora parecia limpo e calmo. Naquele dia foi pescar sozinho, como muitas vezes costumava fazer. Levou consigo umas linhas, poucas redes, farinha, água e um caquinho^{III} ... Era tudo de que precisava para suas pescarias.

Saiu da baía e foi em direção a barra do Saí Mirim, queria se concentrar nos peixes maiores. Chegou na barra antes do amanhecer, mas a cortina espessa de neblina escondia o brilho da manhã. Seu João foi cercado pelo nevoeiro, e rapidamente perdeu a

direção. Aquietou-se na canoa, pensando em como escapar daquela massa cinzenta que amordaçava o dia. Foi então que se lembrou que vira uma silhueta de ilha exibindo-se ao sul da praia; a imagem aparecera instantes antes de ser envolvido pelas nuvens. Mais que depressa, seu João tratou de direcionar a canoa para aquela direção. Feito isso só restava-lhe esperar.

O mar parecia lagoa, tamanha sua calmaria. Nada parecia mover-se, nem a neblina que o encobria. Seu João não tinha noção do tempo, do espaço e do que poderia lhe acontecer. Cansado de esperar, caiu em sono profundo.

A canoa que antes sacudia lentamente com as marolas, agora estava parada, estática. A falta de movimento mexeu com seu João que num piscar de olhos viu-se em terra firme. A canoa estava presa entre as pedras e a areia, o que explica a falta do sacolejo. O nevoeiro não sumira, estava um pouco mais leve.

Lentamente seu João saiu da canoa e foi ver o que havia naquele lugar. Não sabia direito onde estava, não reconhecia a ilha e as nuvens não deixavam ver ao longe. Sentia-se cansado e a barriga já lhe reclamava a espera. Levava consigo a água, a farinha e o caquinho. Preparou rapidamente uma *xiputinha*^v, que havia de acalmar-lhe a fome.

Enquanto devorava sua mistura de água e farinha avistou uma fumaça que se perdia no nevoeiro. Sem pensar duas vezes foi ver do que se tratava. Com olhos aguçados ele ia ao encontro da fumaça, esperançoso de ser sua salvação.

Junto da fumaça estava sentado um senhor que aparentava ser mais velho que o seu João. E junto deste Velho estava um senhor cujo semblante não lhe era desconhecido. Seu João aproximou-se e entre uma nuvem e outra reconheceu um amigo de pescaria, seu Manoel, que sentava ao lado do Velho.

Contente por reconhecer seu Manoel, foi falar-lhe:

– Eita que bruscada de tempo. Fiquei um tempão perdido no mar. Até que vim dar por aqui e te encontrei. Que ilha é essa?

– Opa João! Tempo arruinado esse, né? Ainda não sei se é uma ilha ou qualquer coisa assim, não consegui ver além daqui... Quanto mais adentro, mais grosso se torna o nevoeiro.

– E esse senhor, quem é? É conhecido?

– Só se for conhecido da neblina, pois nunca bati com ele nessa baía. Mas desde que vim parar por aqui, para me proteger do nevoeiro, ele está ali com olhos vidrados ao longe e não pára de repetir: “Fui longe demais... fui longe demais”.

– Eita, é melhor nós ir lá prosear com o velho pra ele não endoidecer com a neblina.

Sentaram perto do velho e tentaram puxar um papo qualquer. Falaram do tempo, dividiram a tal da xiputinha e perguntaram ao velho de onde ele vinha.

– Venho de longe, muito longe. Há dias que venho navegando travando luta com o maior, mais belo, sereno e nobre peixe que já conheci. Estivera a ponto de sentir-me morrer... Não sentia as mãos e apenas via por lampejos. Sentia-me desfalecer, mas antes de principiar, tornava a tentar matá-lo. Que falta me fez o menino! Ele

sim poderia ter me ajudado a matar o grande espadarte... Pesava mais de setecentos quilos e tinha mais de seis metros do nariz a cauda!

– Você deve ter ido muito longe mesmo. Eu já pesquei peixe grande por aqui. Mas nada comparado a esse aí. Nossa canoa até emborcou de tão grande que era o peixe. A não ser baleia, no dia em que Antônio Cartola decidiu matar umas lá perto da barra. – Exclamou seu Manoel perplexo com o tal espadarte.

– Peixe grande assim... E ainda sozinho? E cadê o peixe? – Pergunta seu João, meio desacreditado.

O velho ficou olhando ao longe como a lembrar toda a luta travada com o magnífico espadarte. Parecia vê-lo ainda preso à linha, dando saltos para tentar escapar. O velho também se via, a gritar com sua mão esquerda: “Sinta cãimbra, transforme-se numa garra... Não adianta!” E seguia em frente a sangrar a mão para vencer o peixe.

– O sol já nascia pela terceira vez e o peixe ainda nadava em círculos. Não era possível saber quem arrastava quem... Na volta seguinte o dorso do peixe estava de fora, mas ainda um pouco afastado do barco. Mas eu tinha certeza de que, ganhando mais linha, o conseguiria pôr ao lado do esquife. O arpão há tempo já estava preparado. Já não agüentava muitas mais voltas. Mas dizia para mim: “Sim, aguentas... Aguentas como nunca”. Então, convoquei toda minha dor, o que me restava de forças e até o meu orgulho perdido... Lancei tudo contra a agonia do peixe.

– E o peixe? – Interrompeu seu João extasiado por imaginar o que acontecera.

– O peixe veio rente à borda e nadou mansamente, com o nariz quase roçando o costado do barco, e começou a passar-lhe por baixo, longo, fundo, largo, prateado, listrado de púrpura, interminável nas águas.

– E aí você pegou ele? – Adiantou seu Manoel, imaginando como seria pegar sozinho um peixão desses.

– Eu larguei a linha, calquei-a com o pé, levantei o arpão ao alto e fi-lo descer, com toda a força que tinha e mais força que invoquei no momento, pelo flanco do peixe adentro, mesmo por trás da grande barbatana peitoral que alta se erguia no ar à altura do meu peito... Senti o ferro entrar e debrucei-me sobre ele para carregar o meu peso... O peixe então reanimou-se e saltou bem fora da água, patenteando o seu grande comprimento, a sua envergadura, o seu poder inteiro, a sua beleza... Depois, caiu na água lançando espuma por todo o barco.

– Nossa... – Suspiraram estarrecidos, seu Manoel e seu João.

– Depois que a luta acabou, ainda tinha trabalho de sobra... Amarrei o peixe à proa, à popa e a meia-nau. Era tão grande que era quase como ter ao lado um barco muito maior. O peixe deixava um rastro de sangue no mar... E ao longe avistei um Mako... Era tal qual um espadarte, com a diferença das medonhas queixadas que levava cerradas ao nadar veloz... Era um peixe feito para comer todos os peixes do mar. Esse tubarão nada temia e havia de fazer exatamente o que lhe apetecia.

– O cação foi pra cima de vocês? – Perguntou seu Manoel, incrédulo

– O tubarão veio pela popa e, quando chegou ao peixe, eu o vi abrir a boca e aqueles olhos estranhos, e vi os estalos do dente a fecharem-se na carne... Ele rasgava o grande peixe quando eu cravei o arpão na cabeça do tubarão... O dentuço levou-me uns vinte quilos do peixe. O meu arpão, foi embora com o tubarão. Sabia que outros viriam... Não havia o que eu pudesse fazer... Vieram outros, tubarões-martelo dessa vez, lutei com remos, faca e cacete. Mas outros mais vieram depois... Rasgavam a carne do grande peixe até restar-lhe somente a cabeça... Pedi desculpas ao grande peixe, não deveria ter ido tão longe.

– E você soltou ele no mar? – perguntou se João.

– Ainda continua preso ao esquife... Ando muito cansado.

– Vamos lá ver então... – Pediu seu Manoel, que rapidamente levantou e sumiu no nevoeiro. O velho foi logo atrás. Seu João ainda tonto com a história demorou-se em levantar, quando tentou segui-los perdeu-se em meio à neblina... Imaginava-se no mar rodeado pelos tubarões e pelo tal grande peixe... A cabeça girava e, então, desfaleceu...

O Sol já ia alto quando o seu João acordou, estava na sua canoa que rumava à entrada da baía. Procurou ao seu redor pelo velho e pelo amigo, não encontrou... Sentia-se perdido. Havia sido um sonho? O velho, o espadarte, os tubarões... A cabeça rodava, o sol do meio dia queimava-lhe o couro, sentia-se alucinar. Já chegava bem perto da baía quando avistou a canoa do seu Manoel indo ao longe... Parecia sem rumo também.

Sua barriga roncava quando percebeu que sua *xiputinha* estava guardada no fundo da canoa, não havia sido mexida... Sem entender, mastigou-a lentamente, apreciando a baía, seus segredos e mistérios (LIMA, 2011, p. 67-72).

Considerações finais

Semelhanças e singularidades confundem-se e renovam-se. São como as lentigens^v deixadas na pele dos homens do mar. Marcas do sol, das águas, do cotidiano marinho, que embora sejam similares em aspecto são particulares em disposição. Essas marcas são as trajetórias da vida. São os rumos e caminhos trilhados pela escolha da profissão, do jeito de viver.

A tentativa de enxergar as possibilidades do lugar poderá chegar aos seus habitantes, moradores e visitantes que por ali decidam envolver-se. As narrativas deste trabalho são atalhos para ouvir, ver, sentir... Para que possamos ver o outro, conhecer seus desejos e vontades (suas histórias) e assim, dar força à pequena

canoa que contrasta com a imensidão de um cargueiro que adentra pela baía em direção ao porto de Itapoá e que, embora minúscula, discreta, humilde, ainda assim, seja visível (Figura 4).

Figura 4. Visibilidade – A canoa e o cargueiro



Foto: Mariene Francine Lima, setembro de 2010.

Notas de fim:

I – De acordo com seu João, um dos pescadores entrevistados, *gajero* eram chamados aqueles que ajudavam o pescador, na maioria das vezes, representados pelos próprios filhos, que ainda estavam por aprender a pescar.

II – A narrativa sugere um encontro entre velhos pescadores. E assim, por ser uma conversa informal de velhos do mar, não poderia deixar de fora o velho pescador de Hemingway. Dessa maneira, trazemo-lo à conversa, para que possa nos contar das suas experiências. Inspirado em “O velho e o mar”, de Ernest Hemingway (1956).

III – Seu João chama de caco, caquinho, um fogareirozinho que ele leva consigo quando vai pescar.

IV - *Xiputinha* é como seu João chama a mistura de água e farinha que ele fazia para se alimentar enquanto pescava no mar.

V – Lentigens é o mesmo que sardas; causadas pelo sol. Figurativa de tempo.

Referências

ADAMS, C. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, Vol. 43, n. 1, p. 145-182, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000100005&script=sci_arttext>. Acessado em: out./2010.

AMADO, J. **Mar morto**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

BASTOS, G. C. Atividade pesqueira na Baía da Babitonga. In: CREMER, M. J.; MORALES, P. R. D.; OLIVEIRA, T. M. N. de (org.). **Diagnóstico ambiental da Baía da Babitonga**. Joinville: Editora da Univille, 2006, p. 200-244.

BRASIL. Contagem da População, 2010. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010>>. Acessado em: jul./2013.

CARDOSO, E. S. Da apropriação da natureza à construção de territórios pesqueiros. **GEOUSP- Espaço e Tempo**, n. 14, p. 119-125, 2003.

DIEGUES, A. C. A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. **Etnográfica**, Lisboa, Vol. 3, n. 2, p. 361- 375, 1999.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HEMINGWAY, E. **O velho e o mar**. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, 1956.

LABERGE, J. As naturezas do pescador. In: DIEGUES, A.C. (Org.) **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, 2000, p.39-58.

LIMA, M. F. **Mares e pescadores**: narrativas e conversas em Itapoá. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPOÁ. **Dados histórico-geográficos**. Disponível em: <<http://www.itapoa.sc.gov.br>>. Acesso em 25 de setembro de 2008.

TASSARA, H.; LINSKER, R. **O mar é uma outra terra**. São Paulo: Terra Virgem, 2005.

VASCONCELLOS, M.; DIEGUES, A. C. S.; SALES, R. R de. Limites e possibilidades na gestão da pesca artesanal costeira. In: Costa, A. L. (Ed.). **Nas redes da pesca artesanal**. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, 2007.

Agradecimentos

Aos pescadores de Itapoá-SC por dividirem suas histórias, conhecimentos e vontades. À professora Andreia Aparecida Marin, pelas orientações, conversas e apoio. Ao Thiago Zagonel Serafini pelas revisões e auxílios. À Tereza Zagonel pelo tratamento das imagens. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal – Capes/Reuni pela concessão da bolsa de mestrado.

RESUMO

Narrativas e conversas a beira mar. Olhos avistam ao longe a baía. Mudanças no lugar, mudanças na vida. Trajetórias traçadas pela pesca e desejos litorâneos. Homens do mar cujo sustento e modos de vida são influenciados pela lua, marés e tormentas. Mares que encantam e atormentam; são fascinantes e perigosos; tiram vidas e dão o provimento. Vidas comuns e tão singulares retratadas em histórias cotidianas. VISIBILIDADES... É sobre o que trata esse trabalho. Ver e tornar visíveis sutilezas que passariam despercebidas, materialidades que dão testemunha do lugar, de mobilidades, mudanças ocorridas, subjetividades desenhadas no ritmo das marés. Contos dos antigos que revisitam lendas, credences ou apenas vivências que já não existem mais. Composições narrativas criadas através dos relatos dos personagens reais que deram vida a este trabalho. O convite: Vinde ouvir suas histórias, olhar o lugar através dos seus olhos e sentimentos.

Palavras-chave: Narrativas. Conversas. Pescadores. Mar. Visibilidade. Santa Catarina.

ABSTRACT

Narratives and talks at seaside. The eyes sight the Bay far way. Changes in the place, changes in the life. Trajectories traced by the fishery and coastal desires. Men from the sea whose financial support and livelihood are influenced by the moon, tides and storms. Seas that delight and torment; are fascinating and dangerous; take out lives and give supply. Ordinary and so unique lives are portrayed in daily stories. VISIBILITIES ... It is about what such work is like. See and make visible subtleties that go unnoticed, materiality that give witness of the place, mobility, changes, subjectivities in the rhythm of the tides. Tales of ancient that revisit legends, beliefs or just experiences that do not exist anymore. Narratives compositions created through the reports of real characters who gave life to this work. The invitation: Come to listen to them stories, look to the place through their eyes and feelings.

Key words: Narratives. Talks. Fishermen. Sea. Visibility. Santa Catarina.

Informações sobre a autora:

²Mariene Francine Lima – <http://lattes.cnpq.br/1656457322224919>

Bióloga e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE (Linha de pesquisa Educação, Ambiente e Sociedade) da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Contato: marienefrancine@hotmail.com